



Introdução

Quando C.G. Jung prosseguiu na busca de encontrar seu próprio mito após sua ruptura com Freud, ele se aventurou na região do inconsciente coletivo, sem guias e sozinho. Nesse confronto excepcional, ele descobriu, por tentativa e erro, um novo modo de entrar em acordo com os conteúdos do inconsciente dentro da realidade unitária da fantasia criadora. Jung mais tarde chamou esse método de “imaginação ativa”, e o recomendou calorosamente a muitos de seus pacientes. Descreveu a imaginação ativa como o único caminho rumo a um encontro direto com a realidade do inconsciente, sem o uso intermediário de testes ou da interpretação dos sonhos. Embora discutisse documentações da imaginação ativa em seminários, não publicou nenhuma delas, provavelmente porque percebeu o quão distantes esses documentos estavam das visões conscientes coletivas de sua época.

Uma grande mudança teve lugar desde então. Na Europa, bem como nos Estados Unidos, inúmeras técnicas surgiram para liberar algumas formas de fantasias inconscientes em um estado desperto de consciência. Todas, porém, são apenas formas de imaginação passiva, que, de todo modo, têm um efeito salutar. Hoje em dia, praticamente não existe hospital psiquiátrico em que a pintura, modelagem, dança, música e escrita

não sejam usadas para ajudar pacientes a exprimir seus problemas. E, ao final de sua vida, Jung notou que a imaginação passiva tinha sido mais ou menos compreendida pelo mundo, diferentemente da imaginação ativa. Em resumo, o que está faltando é o confronto ético e ativo, a entrada ativa da pessoa total na fantasia dramática. Mas, em minha experiência, isso é muito difícil para as pessoas compreenderem de um modo *prático*. O livro de Barbara Hannah é por isso um auxílio excepcional para compreender esse ponto, mediante seus exemplos bem escolhidos. *Seus comentários ponto a ponto sobre cada detalhe dentro das histórias e dos diálogos foram com frequência surpreendentes e muito úteis para mim*. As figuras do inconsciente são poderosas e fracas, benévolas e pérfidas, e uma mente e um coração muito alertas são necessários para evitar as muitas armadilhas com que se pode inadvertidamente deparar ao lidar com elas.

De certo modo, a pessoa precisa já ser potencialmente “total” para entrar no drama; se não é, aprenderá a se tornar, mediante dolorosa experiência. A imaginação ativa é, portanto, a mais importante ferramenta na psicologia junguiana para alcançar a totalidade – muito mais eficaz do que apenas a interpretação dos sonhos. O livro de Barbara Hannah é o primeiro e único que conheço que pode promover seu entendimento ao ilustrar, mediante vários exemplos, os passos, as ciladas e os sucessos desse método de encontrar o inconsciente.

Em contraste com as numerosas técnicas existentes de imaginação passiva, a imaginação ativa é feita *a sós*, e para isso a maioria das pessoas deve superar considerável resistência. É uma forma de brincadeira, mas tremendamente séria. Por isso, talvez, a resistência que muitas pessoas têm contra ela é

às vezes justificada, e não se deveria forçar ninguém a aceitá-la imprudentemente. Com frequência, uma situação de completo desespero (como aquela em que se encontrava o Homem Cansado do Mundo e seu Ba) [cf. Capítulo 5] é necessária para, de início, abrir a porta. Mas penso que ninguém que tenha alguma vez descoberto a imaginação ativa gostaria de perdê-la, porque ela pode literalmente realizar milagres de transformação interior.

Barbara Hannah não apenas comenta vários exemplos modernos de imaginação ativa, mas também dois exemplos históricos notáveis. Também sabemos que muitos alquimistas usavam uma *imaginatio vera et non phantastica* em sua obra, o que era uma forma de imaginação ativa. Isso nos dá a satisfação de saber que estamos lidando aqui não com uma inovação estranha, mas com uma experiência humana que foi vivenciada anteriormente. É, na verdade, uma nova forma de uma das formas mais antigas de *religio*, no sentido de “dar cuidadosa consideração aos poderes numinosos”.

Marie-Louise von Franz